

A *Ars Erotica* no mundo clássico – a visão somaestética de Richard Shusterman

Geraldo Magella Neres¹
Vania Sandeleia Vaz da Silva²

SHUSTERMAN, Richard. *Ars Erotica: sex and somaesthetics in the classical arts of love*. New York: Cambridge University Press, 2021. 420 p.

“Eros is not limited to the bedroom; attraction is the engine and energy of life. It makes the world go round while animating innumerable interpersonal sub-orbits”.

Richard Shusterman é professor na *Florida Atlantic University*, destacando-se como um dos mais importantes filósofos pragmatistas contemporâneos e um dos principais fundadores da nascente disciplina da Somaestética. Trata-se de um pesquisador bastante prolífico, tendo escrito inúmeros artigos e cerca de vinte livros, dois dos quais publicados no Brasil³. De formação inicial na filosofia analítica, ao travar contato com a obra de John Dewey, teve o interesse despertado pelo pragmatismo. Aliás, a proposta de constituição da Somaestética é um resultado direto da influência do pragmatismo de Dewey.

Em linhas gerais, podemos definir a Somaestética como um campo interdisciplinar que visa a compreensão ativa do corpo e a adoção de procedimentos práticos para exercitar o seu aperfeiçoamento performático, reconhecendo-o como o lócus por excelência da fruição estético-sensorial da vida e de expressão autoestilizada da subjetividade do indivíduo. Aqui fica muito nítida a influência exercida por Pierre Hadot⁴, tanto sobre Foucault, quanto sobre Shusterman: o entendimento da filosofia como uma arte de viver (Como viver uma vida significativa? O que é a boa vida?) transforma o corpo no instrumento fundamental da práxis filosófica. É no contexto deste espírito crítico da Somaestética, concebida como a arte do cultivo da percepção sensorial e da melhoria no desempenho somático, que o autor propõe um estudo filosófico da arte de fazer amor corporificada nas principais tradições culturais de erotismo.

O livro de Richard Shusterman – resultado de uma pesquisa hercúlea de investigação crítica de algumas das mais importantes tradições mundiais de *ars erotica* pré-moderna – vem, de alguma forma, completar o trabalho iniciado por Michel Foucault quando da publicação do primeiro volume de *História da sexualidade*⁵. Se Foucault, a partir da investigação de suas origens greco-romanas, abordou a genealogia da constituição da *scientia sexualis* no Ocidente; Shusterman, por sua vez, propôs-se a reconstruir criticamente a *ars erotica* em suas mais importantes expressões culturais pré-modernas, tanto orientais quanto ocidentais. Contudo, apesar desta aparente complementaridade temática, e apesar da grande

¹ Doutor em Ciências Sociais (UNESP), professor no curso de Ciências Sociais da Unioeste, Campus de Toledo, E-mail: geraldomagellaneres@yahoo.com.br

² Doutora em Ciência Política (USP), professora no curso de Ciências Sociais da Unioeste, Campus de Toledo, E-mail: vaniasandeleiavazdasilva@yahoo.com

³SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte**. São Paulo: Editora 34, 1998, e SHUSTERMAN, Richard. **Consciência Corporal**. Rio de Janeiro: É Realizações, 2012.

⁴ O filósofo francês Pierre Hadot (1922-2010) é hoje reconhecido principalmente como uma importante fonte formadora de Michel Foucault. Uma de suas principais contribuições foi o resgate do conceito antigo da filosofia como instrumento privilegiado na definição do bem-viver. Neste contexto, a função da filosofia – pelo menos antes de sua colonização, primeiro pela teologia cristã e depois pela ciência moderna – seria aquela de proporcionar as condições do “exercício espiritual” (entendido em sua acepção inteiramente filosófica secular) necessário ao desenvolvimento existencial dos indivíduos. Grande parte de sua obra foi traduzida no Brasil.

⁵ Este talvez seja o projeto mais conhecido de Michel Foucault. O plano inicial da obra sofreu várias alterações, resultando em quatro volumes, sendo os três primeiros publicados ainda durante a vida do filósofo (*A vontade de saber*, *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*) e o último deles (*As confissões da carne*) publicado postumamente em francês somente em 2018.

influência teórica de Foucault sobre Shusterman, podemos dizer que entre as duas abordagens transparece algumas divergências de fundo que merecem ser evidenciadas.

Em primeiro lugar, e talvez de maior importância, identificamos uma distinção fundamental na conceitualização de Shusterman de *ars erotica*. Destoando de Foucault, que apresenta uma definição restritiva de *ars erotica*⁶, concebida em oposição diametral à *scientia sexualis*, Shusterman formula uma concepção mais nuançada, baseada na contextualização histórica de cada tradição cultural existente. Assim, sem aprofundarmos ainda a definição de *ars erotica* proposta pelo autor, que será abordada em detalhes logo mais abaixo, adiantamos que em sua conformação empírica, qualquer uma de suas diversas manifestações fenomênicas (arte erótica judaico-cristã, indiana, chinesa, japonesa, etc.) aparece como uma mistura complexa de discurso de legitimação do prazer e de busca de objetivos mais mediados, próprios da *scientia sexualis* (finalidades éticas, reprodutivas, médicas, mágicas ou soteriológicas). Então, à rigor, não existiria uma distinção absoluta nos fins buscados pelas duas tradições discursivas sobre o sexo, mas apenas concepções programáticas diferentes de educação sexual. A *scientia sexualis* propondo uma pedagogia negativa da educação sexual, centrada na profilaxia das DSTs, na prevenção da gravidez indesejada e no controle médico-higienista do desejo; e a *ars erotica* defendendo uma pedagogia positiva (e propositiva) de educação sexual, focada na “educação através do sexo” e no aperfeiçoamento somático dos amantes.

Em segundo lugar, destacamos a distinção dos arquivos históricos investigados. Enquanto Foucault se ocupou do pensamento ocidental, utilizando sobretudo as fontes representadas pelas culturas antigas greco-romana e de primórdios do cristianismo, Shusterman se ocupou da teoria erótica pré-moderna, principalmente oriental (culturas chinesa, indiana, japonesa, judaico-cristã e islâmica), mas também ocidental (cultura antiga greco-romana, medieval e renascentista). A extensão do arquivo histórico utilizado por Shusterman é gigantesca, exigindo um trabalho árduo e minucioso para analisar material tão vasto; mesmo reconhecendo que ele se restringiu apenas aos textos teóricos sobre a *ars erotica*, desprezando as fontes oriundas da literatura ficcional e das artes visuais.

Em terceiro lugar, considerando-se o enfoque geral da pesquisa, convém destacar que enquanto Foucault utiliza-se de uma perspectiva homossexual de investigação, Richard Shusterman adota uma perspectiva heterossexual⁷ de enquadramento de sua análise comparativa, distinguindo em grande medida o foco e os aspectos idiossincráticos destacados em sua exposição do tema: “Como minha experiência erótica foi majoritariamente heterossexual, este livro apresenta uma perspectiva um pouco diferente daquela de Foucault, mas que visa ser complementar”, em vez de substitutiva, “de seu trabalho fundamental” (p. xii). Apesar desta diferença de perspectiva, a análise do autor baseia-se na crítica do machismo, da heteronormatividade compulsória e da objetificação das mulheres, elementos que tradicionalmente sempre fizeram parte constitutiva da *ars erotica* pré-moderna. Aliás, ao lado da crítica à objetificação feminina e à heteronormatividade compulsória, é possível identificar também uma defesa da democratização das técnicas e habilidades estético-afetivas promovidas pela *ars erotica*, até agora restritas a uma minoria privilegiada da população.

Como resultado disto, o livro *Ars Erotica* de Richard Shusterman pode ser classificado como uma reflexão teórica, situada a meio caminho entre o ensaio filosófico e a história cultural das ideias, que busca situar a teoria erótica tradicional pré-moderna dentro de seu contexto histórico e cultural. É claro, contudo, que todo trabalho de contextualização histórica de leitura de textos clássicos sempre traz embutidos os interesses do leitor/autor em questão. De fato, a reflexão produzida por Shusterman visa a um objetivo muito específico, ou seja, insere-se no seu programa mais vasto de fundação de um novo

⁶ FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015. Capítulo III, p. 59-84.

⁷ É fundamental levar em consideração que as características do autor têm impacto na sua produção intelectual (como mostraram os criadores do método do contextualismo social, que podem ser conhecidos no dossiê publicado na *Revista Tempo da Ciência*, v. 26, n. 52, 2019) e, nesse sentido, o fato de que Foucault era homossexual e o autor afirma ser heterossexual tem impacto na sua apreciação do tema. Cabe ressaltar que o lugar de fala do autor é relevante: trata-se de um homem heterossexual, o que significa que sua superação do patriarcado e da heteronormatividade limita-se ao modo como ele consegue compreender os impactos destes imperativos na sua experiência. Uma mulher heterossexual, ou lésbica ou bissexual faria uma leitura diferenciada e poderia perceber melhor os ecos das normatividades em aspectos que o autor não percebeu completamente. A despeito disso, é importante considerar que a formação intelectual – filosófica ou científica – permite superar parte do peso das normatividades, apenas não muda o essencial que é adquirido pela vivência direta de uma condição.

campo de estudos que ele denomina de Somaestética. Do ponto de vista do plano de exposição, o livro está dividido em oito capítulos. O primeiro capítulo estabelece o quadro teórico-conceitual, enquanto os sete capítulos restantes examinam sistematicamente as teorias eróticas das principais culturas que definiram as bases de nossa civilização moderna.

Todavia, a incorporação da *ars erotica* ao projeto de constituição da Somaestética impõe dois problemas teóricos que exigem prévia solução. A propósito, somente a resolução destes problemas, que ocupa todo o primeiro capítulo do livro, é que vai permitir a configuração do quadro teórico exigido pela pesquisa, possibilitando a formulação de uma metodologia comparativa de investigação apropriada ao objeto de estudo e a criação de um vocabulário técnico-conceitual adequados à compreensão filosófica da arte de fazer amor. Além do mais, esta preocupação teórico-conceitual não se esgota no primeiro capítulo, mas avança também ao longo do livro, estando implicitamente presente mesmo nos capítulos que analisam as diferentes tradições culturais de *ars erotica*.

O primeiro problema é aquele de definir precisamente o sentido de arte no campo da expressão erótico-sexual humana. O que precisamente define o caráter artístico do fazer amor? Ou seja, em que sentido exato a expressão sexual pode ser considerada artística? Como uma forma de arte, de que modo a *ars erotica* pode contribuir para a arte de viver e o cuidado de si?

O autor responde ao primeiro problema teórico de modo gradual. Ele começa pelo resgate etimológico da expressão *ars erotica*, identificando tratar-se de uma composição híbrida formada pela junção da palavra latina para arte (*ars*) com a palavra grega para amor (*eros*). Apesar de usada normalmente para indicar uma obra de arte de conteúdo erótico, seja na literatura, seja nas artes plásticas em geral, o seu sentido específico de “arte do amor” (ou “arte de fazer amor”), já evidente desde a antiguidade na famosa obra de Ovídio (*Ars amatoria*), tornou-se um termo popular graças ao uso feito por Michel Foucault em seu primeiro volume de *História da sexualidade*. É que nesta obra, ao distinguir claramente entre a abordagem moderna do sexo (*scientia sexualis*) e a abordagem pré-moderna (*ars erotica*), o filósofo francês acabou por consolidar a definição corrente do conceito de *ars erotica* enquanto arte de fazer amor.

Uma vez recuperado o processo de definição do conteúdo postulado por Foucault, o autor reformula substancialmente o significado do conceito. Como já assinalado acima, na concepção de Shusterman a *ars erotica* não é um conceito integralmente antitético ao conceito de *scientia sexualis*, como queria Foucault, já que comporta elementos pertencentes a ambas as tradições discursivas. Assim, a *ars erotica* não pode ser definida de modo reducionista, como a tradição discursiva legitimada apenas pela busca exclusiva do prazer, constituindo-se no mínimo da articulação de três elementos essenciais: i) comporta uma tradição discursiva, que pode ser oral ou escrita, defensora do princípio do prazer (com gradações na legitimação religiosa do princípio do prazer), ii) almeja, ao mesmo tempo, além do prazer erótico-sexual imediato, outros objetivos mais mediatos, que podem ser éticos, médicos, reprodutivos ou soteriológicos e iii) inclui um corpo de técnicas eróticas e de estilos de fazer amor, legitimados pela cultura em questão, para prover a expressão artística da união sexual. Apesar de reconhecer todas estas dimensões, o autor privilegia a última acepção do conceito, definindo instrumentalmente a *ars erotica* como o exercício estético cultivado da resposta sexual humana.

Mas, então, quais são efetivamente as características da *ars erotica* que a qualificam como um tipo de arte? Para início de conversa, o autor afirma que a *ars erotica* é uma arte na acepção geral do termo, no sentido de que é uma prática que exige o domínio de certas habilidades ou o controle de um determinado processo de saber fazer. Por conseguinte, a *ars erotica* é principalmente uma arte no sentido grego de *techne*. Mais especificamente, a *ars erotica* pode ser definida como um conjunto de habilidades, nomeadamente no domínio de técnicas corporais ou psicofísicas, empregadas no cultivo da excitação, de sua intensificação e de prolongamento do êxtase durante a interação sexual entre os amantes⁸. Contudo, e este é um aspecto chave, a *ars erotica* é uma arte performática, no sentido dado pela língua inglesa ao

⁸ Note-se, entretanto, que esta afirmação tem validade parcial, pois se aplica na íntegra apenas às teorias eróticas mais desenvolvidas. Algumas formas de *ars erotica* são bastante rudimentares, tanto com relação ao repertório de técnicas eróticas disponibilizadas, quanto com relação aos níveis de cultivo estético do prazer sexual, centrando seus esforços principalmente na “pragmática da reprodução”. É o caso, por exemplo, da arte erótica desenvolvida pela tradição cultural judaico-cristã, de forte tendência ascética, que privilegia a produção da prole em vez da intensificação do prazer erótico-sexual.

termo. Ou seja, tal como a dança, o canto, o teatro etc. a excelência na execução da *ars erotica* exige o domínio prático refinado na condução do corpo, tanto do próprio corpo, quanto do corpo do/a amante.

Por outro lado, a *ars erotica* pode ser considerada como uma forma de arte também no sentido formal das *artes plásticas*. A investigação sistemática feita pelo autor identificou seis características presentes na prática das artes eróticas pré-modernas que as qualificam como similares formalmente às artes plásticas. A primeira delas é a valorização estratégica do deleite estético por parte da *ars erotica*, que faz com que algumas das disciplinas das belas-artes e de outras atividades artísticas afins sejam incorporadas ao ritual da união sexual, visando aprofundar e diversificar a experiência estético-sensorial do encontro erótico. Além de se ocupar da ampliação dos limites do uso prazeroso do corpo, a *ars erotica* ainda adiciona outras formas de estímulo estético dos cinco sentidos (como a música, a decoração, a perfumaria, a joalheria, a moda, a culinária, etc.) à experiência táctil da união sexual. Esta combinação de sensações visuais, auditivas, gustativas, tácteis e olfativas busca induzir uma espécie de sinestesia estética (fusão extática dos sentidos), que é o objetivo maior buscado pela prática disciplinada da *ars erotica*.

A segunda característica formal fundamental da *ars erotica* é sua defesa incontestada da preponderância da busca do prazer diante de outros interesses secundários ou subordinados. A *ars erotica*, mesmo reconhecendo as diferenças existentes entre as várias tradições, opõe-se radicalmente à mera concepção utilitária da sexualidade. No contexto da *ars erotica* o desejo aparece como um fim em si mesmo e os atos da paixão apenas como meios para a realização do prazer. As motivações utilitárias, quaisquer que sejam elas (reprodutivas, médicas, religiosas, etc.), são, com poucas exceções⁹, subordinadas à fruição do prazer erótico-sexual.

A terceira característica da teoria erótica clássica é ainda mais formalista. A *ars erotica* transforma a expressão sexual humana numa coreografia orquestrada de ações eróticas, criando um senso de organicidade e de harmonia estética. O encontro erótico é dividido em estágios formais, que se sucedem num crescendo de excitação (tal como no teatro, na música clássica ou na ópera), culminando no ápice da experiência orgástica. No entanto, a experiência estética não se encerra necessariamente ao término da cópula, mas pode se prolongar ainda mais, através da execução de uma série de outras atividades artísticas (conversa, jogos, discussões literárias ou filosóficas, etc.) que beneficiem o convívio íntimo dos amantes.

A quarta característica formal da *ars erotica* é dada pela valorização da busca do domínio artístico na execução das ações da paixão. Não do domínio meramente mecânico, mas do domínio *performático* (psicofísico): o praticante disciplinado da *ars erotica* almeja tornar-se um virtuose na execução de sua arte. Neste caso, as tradições específicas de *ars erotica* não apenas codificam uma determinada forma de execução dos atos eróticos (tipos de beijo, abraço, mordida, profundidade de penetração, posição sexual, etc.), como também estabelecem a forma de sua percepção subjetiva (os estados de êxtase, enlevo ou beatitude esperados de um determinado ato erótico). O cuidado de si preconizado pelas tradições de *ars erotica* criam estilizações estéticas próprias, decorrentes da ênfase no embelezamento externo dos corpos e no grau de cultivo de suas capacidades perceptivas interiores.

A quinta característica da *ars erotica*, que está diretamente relacionada à anterior, resulta da transfiguração efetuada nos corpos dos amantes durante o encontro sexual. Ou seja, durante a prática da *ars erotica*, devido à resignificação cognitiva operada pela teoria erótica, os corpos dos amantes e as atividades da paixão são investidos de significados simbólicos auferidos pela cosmovisão religiosa específica de cada tradição cultural. Esta rede sutil de significados, que implanta o cultural sobre o biológico, é modelada pelo tipo de cultura religiosa hegemônica em cada sociedade.

Finalmente, coroando o conjunto de características que instituem a *ars erotica* como um tipo de arte formal, o autor identifica o interesse classificatório presente na maioria das teorias eróticas pré-modernas. A *ars erotica* estabelece padrões de classificação dos amantes potenciais, considerando-se critérios de beleza, tipo físico, tamanho dos genitais, virtuosidade performática ou de refinamento estético. Esta classificação, apesar de aparentemente pedante para os leitores contemporâneos, visa

⁹ Estas exceções restringem-se às formas menos desenvolvidas de *ars erotica*.

estabelecer uma tipologia capaz de reunir os pares eróticos mais adequados e esteticamente funcionais para a expressão artística da união sexual.

A distinção da *ars erotica* diante da perspectiva ordinária de expressão sexual humana funda-se, portanto, no cultivo da intenção, do *insight* e da habilidade estética na execução dos atos da paixão. A prática habilidosa da arte da união sexual definitivamente implica num grau de controle somático que falta na relação sexual comum e, de certa forma, acaba se afirmando como seu principal componente definidor. O prazer não deve ser evitado, nem grosseiramente desperdiçado no afã voraz de seu consumo, mas deve ser degustado de modo consciente e habilidosamente disciplinado. Só assim o prazer sexual ordinário pode ser polido, lapidado e estabilizado para que se transforme em prazer estético. Neste caso, o conhecimento exclusivamente teórico é insuficiente, já que só o domínio prático refinado do *soma* permite transformar a experiência sexual grosseira (apressada, ansiosa, utilitária, inconsciente, etc.) numa experiência erótica artística.

O segundo problema teórico é aquele de identificar os fundamentos ideológico-estruturais que dão forma e conteúdo concreto às diversas teorias eróticas pré-modernas. Quais são as bases culturais que definem os contornos estéticos formais e os níveis potenciais de fruição do prazer presentes nas diversas configurações culturais de *ars erotica*? Como a cultura, especificamente cada tradição cultural particular, molda e define a sua própria *ars erotica*?

Num certo sentido, toda atividade sexual humana poderia ser classificada como erotismo (como *ars erotica*), já que forçosamente sempre será mediada pela cultura. Como ser cultural, o homem só pode se expressar sexualmente, através da cultura. Assim, mesmo a mais trivial das relações sexuais entre os seres humanos, como aquela feita às pressas e com pouca percepção sensorial consciente da experiência, poderia entrar nessa classificação. Contudo, o conceito de *ars erotica* implica um passo além, implica na adoção de uma dimensão programática normativa, na disposição de constituir um conjunto de práticas e uma tradição discursiva que sistematize uma determinada concepção de conduta sexual artística legitimada pela cultura hegemônica de uma dada sociedade e época histórica específica.

Seguindo a sua argumentação, ainda no primeiro capítulo, o autor começa por defender que os seres humanos diferem dos demais animais pelo fato de distinguirem duas finalidades básicas na expressão sexual. A reprodução ou perpetuação da espécie, que é a razão básica da existência dos próprios mecanismos reprodutivos, que transforma a interação entre os sexos numa atividade geneticamente programada. E a busca do prazer, que é uma função subsidiária (no sentido biológico, não cultural), também fisiologicamente sustentada pela biologia, com uma plasticidade muito maior, que transforma a interação entre os sexos numa atividade culturalmente modelada. Esta relação dialética entre natureza e cultura é o que permitiu à humanidade a criação da *ars erotica*, a constituição de uma forma de arte que transforma as sensações e sentimentos diretamente sensuais na fruição estética ou artística típica do erotismo. Embora a reprodução continue sendo o imperativo biológico do sexo¹⁰, a busca pelo prazer estético tornou-se o imperativo cultural¹¹ postulado como fim maior pelas tradições pré-modernas de *ars erotica*.

Então, a *ars erotica*, como as demais artes plásticas, baseia-se no cultivo de capacidades naturais ou biológicas já presentes no organismo humano. Assim como o teatro, a dança ou a música foram instituídos como campos artísticos autônomos a partir do cultivo estético disciplinado da expressividade cênica, da aptidão para a realização de movimentos graciosos precisos e da habilidade natural de fala do corpo humano, respectivamente; a *ars erotica* também foi construída pela cultura sobre a capacidade

¹⁰ Que a reprodução seja hegemonicamente pensada como o imperativo biológico do sexo é algo que aceitamos culturalmente no Ocidente, com predominância da matriz judaico-cristã – e mesmo em algumas outras culturas – mas sabemos hoje o quanto as diversas vertentes da Biologia estão impregnadas de explicações científicas que visam reforçar aspectos dogmáticos e ideológicos importantes para a ordem social vigente. Quer dizer, por que não pensar que é o prazer que induz seres humanos a buscar relações sexuais que acabam resultando em reprodução? Como explicar que seja necessário criar e reforçar narrativas ideológicas que estimulem a maternidade e a paternidade porque não são instintos, mas construções culturais com propósitos sociais e políticos? E ao mesmo tempo criar narrativas em que o sexo precise estar relacionado com casamento, monogamia, reprodução, cerceamento do desejo (entendido como difícil de controlar)? Por que existe tanta dificuldade em aceitar que o que se deseja é o prazer decorrente do sexo e não suas consequências reprodutivas ou institucionais?

¹¹ Pelo menos tendencialmente, em função da diversidade de regulações religiosas na legitimação do cultivo do prazer.

natural do corpo humano para experimentar o prazer originado da união sexual. Deste modo, os fundamentos ideológico-estruturais que dão forma e estrutura às diversas manifestações empíricas da *ars erotica* devem ser buscados naquilo que denominamos de *visão de mundo* ou *Weltanschauung* específica de cada cultura tradicional considerada.

Por conseguinte, os fundamentos da *ars erotica* podem ser identificados na convergência entre as influências gerais da cultura (oriundas de concepções estéticas autóctones difusas, presentes nas variadas idiosincrasias artísticas e estilísticas de cada civilização, sociedade ou povo) e a regulação ético-moral imposta pela matriz religiosa hegemônica em cada tradição cultural pré-moderna particular (diferentes graus de ascetismo e de negação do mundo impostos pela cultura religiosa). Desta influência recíproca entre a cultura artística originária e o destaque dado ao valor ético-moral do prazer surgem os vários tipos distintos de arte erótica, cabendo à religião um papel hegemônico na definição de sua conformação final¹². É necessário sublinhar, portanto, que existe uma gradação nos níveis de sofisticação estética e de afirmação hedonista do prazer sexual entre as diferentes tradições de *ars erotica*. Nem todas, por exemplo, atingiram o nível de sofisticação alcançado pelas riquíssimas tradições indiana e chinesa de erotismo, que desenvolveram não só a capacidade cognitiva para conceber estados extáticos ou beatíficos superiores de intoxicação estético-erótica (desconhecidos ou desconsiderados por outras tradições), mas que também foram capazes de criar a tecnologia psicofísica necessária para a sua indução. Enquanto a tradição artística geral da cultura define os níveis de desenvolvimento da sofisticação estética, o grau de ascetismo da matriz religiosa limita a profundidade de afirmação do prazer erótico-sexual postulado por cada tradição individual de *ars erotica*.

Ao longo dos sete capítulos restantes o autor apresenta uma análise crítica sistemática de cada uma das principais teorias eróticas pré-modernas, destacando os seus diversos desenvolvimentos estéticos particulares e suas possíveis contribuições para a arte de viver. O segundo capítulo examina as teorias eróticas da Grécia antiga e seu desenvolvimento posterior na cultura romana. A característica distintiva da *ars erotica* grega é dada pelo politeísmo de sua cultura religiosa. A religião politeísta grega, riquíssima em divindades masculinas e femininas movidas pelo desejo e pela busca insaciável do prazer (tão ao gosto dos simples mortais!), produziu uma *ars erótica* polimórfica profundamente afirmadora do deleite sexual. Ao estabelecer uma distinção clara entre reprodução (casamento) e prazer (sexo extramarital), a tradição cultural grega criou as condições para a explosão de uma pluralidade erótica¹³ que abriu espaço à homossexualidade, lesbianismo, bissexualidade, prostituição, concubinato, etc.; mas, também, para a defesa do ascetismo e do controle das paixões eróticas através do cultivo da razão. Em suma, as diferentes perspectivas filosóficas greco-romanas produziram teorias eróticas específicas, que competiam entre si num ambiente de relativo respeito mútuo, sem produzir uma tradição homogênea sistemática de arte erótica, nos moldes da chinesa ou indiana. Esta valorização positiva da diversidade da experiência sexual, herdada e desenvolvida em seguida pelos romanos, produziu uma *ars erotica* extremamente refinada, que acabou por se tornar um elemento fundamental da arte de viver da cultura greco-romana.

O capítulo terceiro examina a *ars erotica* produzida pela tradição cultural judaico-cristã. Aqui, diferentemente do polimorfismo do erotismo das tradições religiosas politeístas, temos uma cultura erótica profundamente influenciada pela concepção monoteísta da divindade. Nestas condições, a empreitada cultural de edificação da arte erótica precisa se subordinar ao modelo assexuado de um Deus monoteísta, sem parceiros ou parceiras sexuais (de certo modo amorfo ou assexual). Sem um modelo divino sexuado e afirmativo do prazer erótico, a tradição judaico-cristã é obrigada a fundamentar a sua arte erótica na busca da pragmática da reprodução. Ou seja, na ausência de um paradigma divino para o amor erótico prazeroso, a *ars erotica* volta-se inteiramente para a estetização da reprodução ou produção da progênie. O desejo visa primordialmente à satisfação dos desígnios religiosos de perpetuação da

¹² Segundo o autor, a religião seria o fator principal na definição da especificidade da *ars erotica* de uma dada tradição cultural.

¹³ É bom que se diga que esta exuberância polimórfica do erotismo grego não eliminou de forma alguma o “machismo heroico” e a misoginia típicos da cultura grega, que continuou vicejando ao lado desta pluralidade erótica cosmopolita. É preciso acrescentar ainda que a teoria erótica greco-romana é marcada por uma profunda discordância entre partidários do hedonismo (defensores do valor da beleza corporal e dos prazeres sensoriais) e partidários do ascetismo (defensores do controle rigoroso dos sentidos e da rejeição da irracionalidade passional).

espécie, não à busca do prazer. A tradição cristã aprofunda ainda mais estas características ascéticas, já presentes no judaísmo. Se a busca do prazer já era desestimulada quando o foco do erotismo judaico recaía sobre a produção de descendentes, agora que os teólogos cristãos passam a valorizar o celibato, esta busca é ainda mais drasticamente desencorajada. Na impossibilidade de adoção do celibato por todos, já que isto representaria o fim da sociedade, o casamento heterossexual monogâmico, com a subordinação da mulher pelo homem e o controle estrito da relação sexual pelas normas impostas pela religião passam a conformar a *ars erotica* judaico-cristã.

O capítulo quarto examina a tradição chinesa de *ars erotica*, considerada a mais antiga do mundo e uma das mais sofisticadas do ponto de vista estético. O autor chama a atenção para o equívoco cometido por Foucault¹⁴ que - no primeiro volume de *História da sexualidade* - cunhou o conceito de *ars erotica* exatamente a partir da análise da tradição erótica chinesa. Ou, pelo menos, da versão da teoria erótica chinesa conforme apresentada ao Ocidente pela publicação da obra de R. H. Van Gulik (*Sexual Life in Ancient China*) nos anos sessenta. Segundo Shusterman, o erro de Foucault, provavelmente estimulado pelo viés orientalista da edição do livro de Van Gulik, foi considerar a tradição erótica chinesa como sendo movida exclusivamente pela busca do prazer erótico-sexual, divorciado de quaisquer outras finalidades mediatas e, conseqüentemente, em total oposição ao discurso medicalizado ocidental do sexo, próprio da *scientia sexualis*. Ao contrário desta leitura, de clara tendência orientalista, o recurso direto aos textos originais da tradição mostra que a *ars erotica* chinesa concebe o prazer sexual primordialmente como um meio para a busca de objetivos médicos, espirituais e éticos estipulados pela religião chinesa (principalmente a religião taoísta, que defendia uma visão holística da realização espiritual).

Em seu contexto religioso original, fundado na busca mística da harmonia entre as duas forças complementares da natureza, o ato de fazer amor está profundamente vinculado às questões metafísicas de busca do equilíbrio entre as energias de Yin/Yang e ao cultivo alquímico da vitalidade; além de servir como instrumento privilegiado do autodesenvolvimento ético, ao favorecer o domínio sobre si mesmo que resulta da prática disciplinada das técnicas psicofísicas sexuais. A conclusão do autor é a de que a *ars erotica* era uma peça fundamental do projeto de autocultivo da tradição cultural chinesa clássica, contribuindo tanto para o aperfeiçoamento físico (aumento da vitalidade, prolongamento da vida, etc.), quanto para o desenvolvimento ético-moral (equilíbrio mental, aperfeiçoamento pessoal e respeito mútuo). Além disto, tal como a tradição indiana, a *ars erotica* chinesa foi uma das poucas teorias eróticas mundiais a produzir uma técnica de sublimação alquímica ou transformacional baseada no cultivo ióguico da beatitude erótico-sexual.

O foco do capítulo quinto é a análise da *ars erotica* indiana. Esta tradição é quase tão antiga quanto a chinesa, destacando-se pela abrangência sistemática no tratamento teórico da questão do prazer (existe todo um corpus de literatura dedicado à busca do prazer erótico, denominado de *Kamashastra*)¹⁵ e pelo empenho em criar tecnologias psicofísicas especificamente projetadas para a intensificação e o prolongamento da beatitude sexual (as sessenta e quatro artes do amor codificadas nestes tratados)¹⁶. No entanto, o grande destaque da tradição cultural indiana consiste na extrema sofisticação estética de sua *ars erotica*, que conseguiu como nenhuma outra fundir hedonismo e ascetismo, combinando a experiência do êxtase erótico com a beatitude mística da realização espiritual. Esta combinação criativa intrigante entre *prazer* e *ascese* cristaliza-se na figura mitológica do deus Shiva, às vezes representado iconograficamente com o falo ereto, considerado ao mesmo tempo tanto a divindade da virilidade e potência sexual, quanto o patrono das práticas ióguicas ascéticas. O próprio *Kamasutra*, unanimemente

¹⁴ Foucault, 2015, p. 59-84.

¹⁵ A visão de mundo clássica hindu estabeleceu três propósitos a serem buscados pelos indivíduos ao longo da vida ou *Trivarga*, posteriormente acrescidos de um quarto, então denominados de *Purushartas*, com cada um destes objetivos sendo regido por um corpo especializado de conhecimentos: i) a busca da autorrealização no nível sensual, especialmente do prazer sexual (*Kamashastra*), ii) a busca da autorrealização no nível político, econômico e profissional (*Arthashastra*), iii) a busca da autorrealização no plano ético-moral (*Darmashastra*) e, finalmente, iiiii) a busca da autorrealização no plano espiritual (*Mokshashastra*).

¹⁶ Estas artes, codificadas nos vários tratados eróticos indianos, ensinam as oito variações das oito atividades eróticas essenciais: 1) abraçar, 2) beijar, 3) beliscar e arranhar, 4) morder, 5) modos de penetração, 6) sons eróticos, 7) posições sexuais e 8) formas de intensificação do prazer. Como cada uma destas oito atividades eróticas comporta oito variações fundamentais, totalizam assim sessenta e quatro artes utilizadas no despertar da paixão.

reconhecido como o texto fundador da *ars erotica* indiana¹⁷, corrobora esta mitologia de origem, quando em seu primeiro livro, remete ao touro Nandi (que serve de montaria ao deus Shiva) a autoria da redação dos escritos originais sobre o erotismo que lhe deram origem.

Os capítulos sexto e sétimo analisam as teorias eróticas das culturas islâmica e japonesa, respectivamente. Estas duas tradições de *ars erotica* sofreram influências significativas das tradições culturais mais antigas e ricas das teorias eróticas que lhes precederam; especialmente a influência indiana no caso do erotismo islâmico e a influência chinesa no caso do erotismo japonês. Contudo, apesar destas influências culturais exógenas diferentes, ambas as tradições partilham entre si uma característica bastante distintiva, que é dada pela valorização aguçada da estética sedutora do perfume e da combinação explosiva de delicadeza e de violência extremada na condução das ações da paixão. Embora a teoria erótica mulçumana tenha importado elementos das tradições indiana e greco-romana, ela teve que adaptar as tecnologias somaestéticas desenvolvidas por estruturas culturais politeístas à estrutura monoteísta da religião islâmica. O mesmo se deu com a *ars erotica* japonesa, que se desenvolveu sobre forte influência cultural das religiões e artes tradicionais chinesas, mas que adquiriu identidade própria ao se moldar organicamente aos fatores religiosos, sociais e políticos da cultura japonesa.

Finalmente, concluindo sua análise das principais tradições pré-modernas do erotismo, o capítulo oito encerra o livro, voltando-se para a investigação de algumas questões-chaves colocadas pela teoria erótica desenvolvida na Europa durante os períodos medieval e renascentista. Embora profundamente cristã, a cultura europeia medieval e renascentista também absorveu grande influência de outras matrizes civilizacionais, que contribuirão para moldar a sua teoria erótica na transição para a modernidade. A principal destas influências originou-se da redescoberta da tradição erótica pagã da antiguidade greco-romana, iniciada pelos eruditos monásticos medievais, chegando ao ápice com o empenho do humanismo renascentista em resgatar as contribuições dos clássicos para se pensar os problemas da época. Outra influência importante veio da cultura islâmica, cujos primeiros contatos mais sistemáticos iniciaram-se com as cruzadas, ampliando-se com a conquista árabe de grandes porções territoriais na Europa. As influências das teorias eróticas pagã e islâmica serão filtradas pela perspectiva filosófica cristã, inaugurando variações na *ars erotica* europeia que progressivamente superarão os limites estreitos da herança judaico-cristã. Este movimento tendencial de aperfeiçoamento das técnicas eróticas e de crescente afirmação do deleite sensual é apreendido pelo autor através da análise de algumas contribuições teóricas medievais (Abelardo e Heloísa, mas também da tradição do amor cortês, postulada por André Capelão) e renascentistas (distinguindo as contribuições neoplatônicas, célicas e cortesãs) ao desenvolvimento da arte erótica na fase inicial do longo processo histórico de transição europeia para a modernidade.

- - -

O que fazer com o conhecimento resultante da análise comparativa da teoria erótica pré-moderna? Como separar o joio do trigo, distinguindo as contribuições aproveitáveis no corpus da tradição clássica do erotismo, incorporando os desenvolvimentos nas técnicas eróticas e eliminando o sexismo? É possível a constituição de uma *ars erotica* inteiramente secular e adaptada ao nosso tempo? E, caso a resposta a esta pergunta seja afirmativa, quais seriam as características exigidas de uma *ars erotica* que se pretenda contemporânea e emancipatória?

De imediato, diríamos que a constituição de uma *ars erotica* secular, emancipatória e adaptada às condições de nosso tempo não só é possível, como é altamente desejável. Aliás, a configuração de uma nova *ars erotica* torna-se mesmo essencial diante dos dois graves problemas intrínsecos à teoria erótica tradicional identificados no livro. O primeiro deles decorrente do preconceito sexista multissecular entranhado nestas teorias, manifesto principalmente na objetificação do corpo feminino, na subordinação das mulheres e na imposição compulsória da heteronormatividade. O segundo problema é decorrente da

¹⁷ Na verdade, hoje sabemos que o Kamasutra é a versão escrita de uma longa e antiga tradição discursiva oral desenvolvida pela cultura hindu sobre o erotismo. A sua composição pode ser situada por volta do século III - IV de nossa era, mas a tradição oral que lhe deu origem é muito mais antiga, perdendo-se nas origens remotas da tradição cultural hindu.

natureza elitista do conhecimento da arte do amor, que tradicionalmente sempre esteve limitado a uma minoria da população. A natureza esotérica das artes do amor e a necessidade de tempo para se dedicar à sua prática fizeram com que (com raríssimas exceções) a *ars erotica* pré-moderna ficasse restrita a círculos fechados da elite. A solução destes dois problemas está no cerne de qualquer proposta de renovação ou refundação da teoria erótica. Neste sentido, o projeto político contemporâneo de constituição de uma nova *ars erotica* exige o compromisso integral com a defesa do princípio da liberdade sexual individual, fundada na busca ética do prazer e no reconhecimento da igualdade efetiva na relação entre os gêneros, transformando a fruição estética do prazer numa das possíveis vias para o acesso ao autocultivo ético-somático.

Ao discutirmos as linhas gerais do livro de Shusterman, identificamos que a *ars erotica* enquanto teoria ou sistema é uma estrutura constituída pela articulação de uma *ética* e de uma *estética*, possibilitando a instauração de uma tradição discursiva que cinge valores ou princípios axiológicos com concepções artísticas e estilísticas gerais na expressão da função sexual. As diversas tradições de *ars erotica* fazem exatamente isto, estabelecendo os níveis legítimos de cultivo do prazer através da regulação religiosa e selecionando no patrimônio artístico e estilístico coletivo das diversas culturas os traços estéticos eletivos que formalizam a configuração específica de cada arte de fazer amor. Neste sentido, afirmamos que o primeiro elemento do par desta estrutura dinâmica – a saber, a regulação da economia política do prazer sexual pelos valores religiosos tradicionais – sofreu o inevitável desgaste do tempo, perdendo a sua imposição hegemônica incontestada. Não tem mais sentido funcional utilizar os dogmas religiosos ancestrais, forjados originalmente para regular a vida social de comunidades tradicionais agrárias, como princípios éticos para normatizar a vida de sociedades altamente tecnificadas, individualizadas e cosmopolitas do século XXI. Ainda mais nas novas condições de explosão das identidades políticas, da crescente compreensão da maleabilidade e plasticidade do *eu*, da composição de novos estilos de vida erótica e do revolucionamento radical dos costumes sexuais que se verifica atualmente. Por outro lado, a riqueza da expressão artística e estética das diversas teorias eróticas clássicas – o segundo elemento a compor a estrutura básica da *ars erotica* – mantém a sua importância singular, funcionando como uma espécie de fundo ou *pool* de possibilidades que pode ser utilizado nas novas experimentações que venham a assumir o projeto político de constituição de uma arte erótica autenticamente contemporânea e emancipatória.

Da mesma forma, o caráter elitista da *ars erotica* pré-moderna também não mais se justifica nas sociedades contemporâneas. Em contraste direto com as sociedades hierárquicas, nas quais a produção e veiculação do conhecimento era rigorosamente controlada, as sociedades democráticas contemporâneas organizam-se com base no livre fluxo de conhecimentos e informações. Consequentemente, não tem mais nenhum sentido manter em segredo a posse de uma arte que pode beneficiar à imensa maioria da população, como é o caso da *ars erotica*. Aqui, a dificuldade maior é construir a pedagogia adequada à difusão popular de uma educação sexual estética (não meramente médico-higienista) e os institutos sociais capazes de encampá-la. Nada que a experimentação social não consiga resolver quando se criam as condições políticas adequadas para a sua atuação.

É neste ponto que a reflexão de Richard Shusterman sobre a teoria erótica clássica fornece a sua contribuição mais importante. Ao providenciar uma compreensão crítica da teoria erótica clássica, ele identifica não só as raízes de suas atitudes sexistas, fornecendo assim o diagnóstico para a sua superação; mas, mais importante ainda, fornece uma visão sistemática destas teorias, permitindo um acesso amplo a estas tradições, desbordando os limites da comunidade acadêmica e alcançando uma ampla parcela do público não especializado. Até onde sabemos, apesar da vastidão imensurável da bibliografia sobre a sexualidade, este é o primeiro trabalho filosófico de qualidade a abordar comparativamente as principais teorias eróticas clássicas.

Então, como conclusão, afirmamos que uma *ars erotica* contemporânea, secular e emancipatória tendencialmente apresentaria, as seguintes características principais: i) seria plural, polimórfica e não homogênea, nos moldes da teoria erótica greco-romana, abrindo espaço à livre expressão da diversidade de orientações sexuais e de composição de novos estilos de vida erótica; ii) seria amplamente acessível, permitindo acesso livre a seus conhecimentos e práticas essenciais, exigindo assim a superação do modelo esotérico de iniciação às artes do sexo; iii) seria laica, mundana e profana quanto à sua regulação ético-

moral, mas aberta às experiências numinosas e espirituais do estado de êxtase ou de intoxicação erótico-sexual e, finalmente, iii) seria emancipatória, no sentido de ser orientada pela busca ética do prazer, do autocultivo e da igualdade substantiva na relação entre os amantes.